

ARTIGO LIVRE

Guerra às mulheres: o humor antifeminista de Millôr Fernandes na revista *Veja* (1968-1984)

War Against Women: Millôr Fernandes' Anti-Feminist Humor in Veja Magazine (1968-1984)

Cintia Lima Crescêncio

Universidade Federal do ABC. São Bernardo do Campo, SP, Brasil.

RESUMO: Este artigo, partindo da importância dos debates sobre antifeminismo em tempos de misoginia online e de ampla circulação de discursos que rejeitam as pautas feministas, tem como objetivo analisar os discursos sobre feminismo produzidos por Millôr Fernandes entre 1968 e 1984 na revista *Veja*, na qual o escritor, dramaturgo, jornalista e cartunista assinava uma coluna de humor. O feminismo era um dos principais temas de Millôr, que produzia textos, fontes deste artigo, e desenhos de humor com o intuito de desqualificar e ridicularizar feminismo e feministas. O humor antifeminista do referido autor integra uma longa história de perseguição aos feminismos no Brasil e, por isso, este trabalho propõe reflexões sobre discursos que, até hoje, compõem o imaginário sobre a luta por direitos, por igualdade e por justiça encabeçada por mulheres. Para isso, são utilizadas ferramentas da análise do discurso em articulação à compreensão da imprensa como fonte e objeto de investigação histórica.

PALAVRAS-CHAVE: antifeminismo; discursos; humor; imprensa.

ABSTRACT: This article, based on the importance of debates on antifeminism in times of online misogyny and wide circulation of discourse that reject feminist agendas, aims to analyze the speeches on feminism produced by Millôr Fernandes between 1968 and 1984 in *Veja* magazine, where the writer, playwright, journalist and cartoonist wrote a humor column. Feminism was one of Millôr's main themes, which produced texts, sources for this article, but also humor drawings, with the aim of disqualifying and ridiculing feminisms and feminists. The aforementioned author's anti-feminist humor is part of a long history of persecution of feminisms in Brazil and, therefore, this work proposes reflections on discourses that, until today, make up the imagination about the fight for rights, equality and justice led by women. To this end, discourse analysis tools are used in conjunction with the understanding of the press as a source and object of historical investigation.

KEYWORDS: antifeminism; discourse; humor; press.

*E-mail: cintia.lima@ufabc.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-2992-9417>

DOI: 10.22456/1983-201X.145508
Anos 90, Porto Alegre, v. 32 – e2025016 – 2025



Este é um artigo Open Access sob a licença CC BY

Introdução

O objetivo deste artigo é analisar os discursos sobre feminismo produzidos pelo cartunista e escritor Millôr Fernandes entre os anos de 1968 e 1984 na revista *Veja*. Um dos motes privilegiados da coluna de Millôr era, exatamente, a emergência e o fortalecimento do pensamento feminista e de movimentos feministas no Brasil. Nesses 16 anos foram inúmeras as charges, ilustrações e textos dedicados às lutas feministas assinadas por ele, por isso, para este texto, opto por analisar apenas os textos escritos, explorando as ferramentas da análise do discurso para refletir sobre o humor antifeminista de um dos maiores nomes do humor gráfico brasileiro, falecido em 2012.

Considerando a crescente importância das formações discursivas e o aumento significativo do interesse da história pelos sentidos dos discursos, metodologicamente este trabalho toma de empréstimo ferramentas da análise do discurso que tem como premissa a complexa e rica relação que, no processo de interpretação, se dá entre o discurso e a história, respeitando a sugestão de Michel Pêcheux (1990), que apontava que a análise do discurso circula entre a análise como descrição e a análise como interpretação. Eni Orlandi (2009) afirma que:

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (Orlandi, 2009, p. 15).

A análise do discurso, portanto, não visa uma análise linguística puramente, em que os termos sejam semanticamente analisados e compreendidos. Esta metodologia objetiva o discurso, que implica o trabalho de explicitar, descrever e interpretar montagens sócio-históricas de sentidos. O discurso não é estanque, ele é produzido por homens e mulheres a partir de suas subjetividades, experiências, contextos e tempos. Nesse sentido, é necessário observar as redes com as quais os discursos se entremeiam. Por isso, analisar os discursos de Millôr implica remontar sua forma de pensar e agir em espaços determinados; explorar a revista *Veja* exige o mapeamento das relações que ela estabelece com seu meio; refletir sobre o feminismo supõe compreendê-lo como acontecimento, movimento; e pensar o discurso anuncia a necessidade de se compreender as diferentes possibilidades de sentido, que são múltiplas, mas estão limitadas pelas fontes, bibliografia e conhecimento da pesquisadora.

Ao atentar às referências ao feminismo feitas pelo colunista da *Veja*, pretendo considerar um cenário de ditadura e de emergência do que se convencionou chamar de segunda onda feminista (Hemmings, 2009) que, no Brasil, assumiu contornos próprios, de alinhamento feminista à esquerda, com forte viés de classe e, em alguma medida, de raça. Estes feminismos foram um grande alvo das críticas de Millôr Fernandes. Rachel Soihet (2005), em pesquisa que apontou a imprensa libertária fazendo uso da chacota como arma antifeminista, já sublinhou o tratamento dispensado às feministas por Millôr Fernandes como grosseiro e superficial, visto que simplificava a luta feminista a um desejo crescente de promiscuidade sexual. *O Pasquim* era um dos palcos desses discursos, engrossados por outros mestres do humor nacional. Soihet acusa *O Pasquim* de produzir uma espécie de violência simbólica contra mulheres que lutavam por seus direitos. Para este artigo, no entanto, parto da ideia de que a palavra também é física, pois afeta o corpo (Deleuze, 1998).

Segundo Tânia Regina de Luca (2005), o trato da imprensa na sua conversão a documento e fonte histórica exige certos cuidados que transformam o impresso em fonte e objeto de pesquisa, na medida em que, ao assumir-se a imprensa como fonte, nesse caso a revista *Veja*, é preciso todo um

mapeamento do grupo responsável pela publicação, a identificação dos colaboradores e fontes de receita e a localização do público-alvo. Ou seja, a imprensa precisa ser pensada como objeto. A mesma exigência é necessária para incorporação de ferramentas da análise do discurso, uma vez que, conforme Eni Orlandi (2009), é preciso considerar a importância das condições de produção do discurso: contexto imediato e contexto amplo.

Veja, como sabemos, não pode ser apontada como parte integrante de uma imprensa libertária, nem mesmo alternativa e, menos ainda, nanica. De acordo com Maria Fernanda Lopes de Almeida (2009), a revista *Veja* foi fundada por Victor Civita, dono da Editora Abril, e Roberto Civita, seu filho, no dia 11 de setembro de 1968, sendo a primeira semanal a trazer o modelo *Time* ao Brasil. Mino Carta, jornalista, foi convidado a encabeçar o projeto e, ainda hoje, é um nome lembrado quando se fala na história da referida revista. Nascida durante a Ditadura, a revista *Veja* sobreviveu ao período de arbítrio afirmando-se, ainda hoje, como uma das revistas mais vendidas do país. Equilibrando-se neste contexto, *Veja* difundia uma série de discursos sobre feminismos em suas páginas, em especial sobre feminismos internacionais e liberais. Com exceção da coluna de humor de Millôr, a revista apresentava-se muito simpática a discussões sobre igualdade no mercado de trabalho, contracepção e direito ao aborto, muito embora essas posições sejam marcadas pela ausência de críticas antirracistas e anticlassistas, e por um alinhamento cego às visões do norte global (Crescêncio, 2012). A coluna de humor de Millôr, neste contexto – feminista e ditatorial – e neste local de enunciação simpático a certas ideias feministas, que não mobilizava ideais revolucionários de feminismo – mais à esquerda –, surgiu como espaço de “dissonância” promovendo discursos antifeministas supostamente humorados.

O debate sobre antifeminismo é, talvez, o que justifica a construção deste texto, que recupera algumas discussões já realizadas em estudos anteriores, com foco especial no humor gráfico de Millôr (Crescêncio, 2012), e reatualiza esta reflexão em função do lugar de destaque que o antifeminismo tem ocupado na Internet através da promoção de misoginia online (Valente, 2023). A exemplo do que aconteceu no momento de reivindicação do voto, no começo do século XX, nas lutas por uma sexualidade livre e contra a violência de gênero, a partir dos anos 1960; hoje, com a extensa difusão de discursos e ideias feministas, um antifeminismo difuso cresce, servindo como palanque político e gerador de lucro financeiro direto (Wolff; Schmitt, 2024). Parece um momento importante, portanto, de reflexão sobre a construção histórica deste antifeminismo, pouco ou nada elaborado conceitualmente e teoricamente, mas sempre pulsante nos momentos em que conquistas feministas se apresentam ou se concretizam. É fundamental compreender a rejeição do feminismo ao longo do tempo (Mello, 2019) e como o humor no Brasil dos anos 1970 e 1980, especialmente produzido por jornalistas, escritores e cartunistas homens, foi, sem dúvida, uma fonte quase inesgotável de antifeminismo.

Importante sublinhar que um humor feminista também foi formulado com o objetivo de promover um riso que provoca, entristece, alegra, mobiliza e radicaliza. É um humor que pode ser violento e agressivo, mas que não se direciona a pessoas, e sim a estruturas de poder e a injustiças baseadas no gênero. É um humor que causa desconforto, indignação. Cartunistas mulheres que atuaram na América Latina entre os anos 1970 e 1980 compõem um grande número na construção desse tipo de humor que, não podemos negar, não é muito conhecido. As mulheres, e tudo considerado feminino, são considerados alvos do humor e do riso, e não produtoras deles. Alia-se a isso a ideia de que o humor era incorporado pelos feminismos para pautar igualdade, justiça social e construção de um mundo que não se baseava na hierarquia entre homens e mulheres. No Brasil, cartunistas como Ciça, Cahú, Mariza, Célia Seybold produziam humor gráfico que colocava questões feministas em cena. No entanto, a produção das mulheres, também neste setor, enfrentava inúmeros desafios de reconhecimento e circulação (Crescêncio, 2018; Cunha; Santana, 2024).

É questão importante pensar sobre o impacto do humor antifeminista na construção de estereótipos e de imaginários sobre mulheres que lutavam e lutam por direitos, por dignidade, por cidadania e pela vida. Este humor que ridiculariza, violenta e ataca mulheres e suas pautas, prática perene, precisa ser alvo de debate, por isso é fundamental recuperar a produção de Millôr Fernandes em *Veja*, de modo a investir nesta linha de pesquisa que parece ser, e precisa ser, permanente nos estudos sobre gênero e mulheres. Por mais que as lutas e fontes produzidas pelas próprias mulheres mostrem-nos a relevância de escrevermos História a partir delas, o estado de emergência que vivemos diante de discursos de ódio contra mulheres, apenas uma das facetas da guerra às mulheres, obriga-nos a dar um passo nesta direção.

Este artigo, que pretende analisar os discursos sobre feminismo produzidos por Millôr Fernandes em textos escritos e publicados na revista *Veja* entre 1968 e 1984, está dividido em duas partes. Na primeira, apresento brevemente o contexto de produção do humor antifeminista do autor, marcado pela Ditadura, mas também pela emergência de movimentos de mulheres e feministas. Na sequência, analiso e reflito sobre os escritos antifeministas de Millôr.

Millôr diante dos feminismos

Millôr Fernandes foi um dos principais responsáveis pelos riscos raivosos dos censores e pela chegada de bilhetinhos às redações de *Veja*, uma modalidade da autocensura que destacava os assuntos proibidos nas redações (Smith, 2000). Em pesquisa que procurou entender a organização e estrutura da censura, defendendo a ideia de que esta não era aleatória, Maria Fernanda Lopes de Almeida (2009) nomeou Millôr como grande alvo de censura durante sua estada na revista *Veja*. Conforme a pesquisadora: “A coluna de Millôr sempre foi um dos principais alvos do carimbo do censor: foram 505 linhas riscadas e 19 desenhos proibidos” (Almeida, 2009, p. 135). Pelos números, não é possível negar a difícil relação da censura com Millôr, que, conforme a autora, foi um dos responsáveis pelo retorno da autocensura à *Veja*, em 1974, além de sua coluna ter sido enviada por longo período à Polícia Federal, em Brasília, para receber liberação. Com críticas e ironias destinadas à situação econômica, social, política e cultural brasileira, Millôr Fernandes esteve sujeito ao crivo da censura com atenção especial.

Não é possível, nesse artigo, em função do objeto que me proponho a tratar, os discursos sobre feminismo produzidos pelo colunista, afirmar se o tema esteve dentre os censurados. Entretanto, é possível supor que o assunto, pelo menos no caso de *Veja*, não incomodava a censura, sendo que, talvez, fosse bastante interessante ao regime a desmoralização e o descrédito que causavam as palavras de Millôr. Afinal, o feminismo é pensamento, teoria, discurso e prática, mas também um movimento social que tem por premissa a transformação de certas estruturas, e, portanto, caracteriza-se por uma premissa revolucionária.

O Golpe Civil-Militar realizado no dia 1º de abril de 1964 impactou a história do Brasil. A Ditadura predominou por 21 anos, até 1985, e foi responsável por um cenário de violência, terror e aumento da desigualdade social. Neste contexto uma série de movimentos sociais lutou em defesa da liberdade e pela transformação da sociedade. Um dos grupos que atingiu amplo nível de organização e enfrentou a repressão foi o das mulheres (Crescêncio; Oliveira, 2021).

Em 1973, depois do Ato Institucional número 5, o Movimento de Luta Contra a Carestia, também conhecido como Movimento do Custo de Vida, foi o primeiro movimento a ir às ruas depois de 1968. Composto por mulheres da periferia, as ações do grupo, iniciadas em São Paulo, proliferaram pelo país. Donas-de-casa, mães, trabalhadoras, por meio dessas manifestações e explorando componentes de gênero, reivindicavam melhorias de vida e questionavam a política econômica que afetava a economia doméstica e exigiam a construção de creches e maior atenção à saúde das mulheres. Em 1975, já em processo de distensão e abertura, foi fundado o Movimento Feminino pela Anistia, novamente

em São Paulo. Personalizado pela figura de Therezinha Zerbini, a organização era composta por mulheres de classes abastadas e provocou a fundação de outros grupos semelhantes ao redor do país (Crescêncio, 2017).

Além da participação em movimentos organizados, as mulheres, desde o desferimento do Golpe, integraram ativamente a luta armada. Estimativas apontam que de 15 a 20% dos efetivos de organizações armadas eram de mulheres (Ridenti, 1993). As mulheres também fizeram parte de um dos fenômenos mais ricos da história do jornalismo brasileiro, a emergência da imprensa alternativa que tinha como objetivo, entre outras coisas, contestar o estado de exceção pelo qual passava o país (Kucinski, 1991). Elas participavam da redação de centenas de jornais partidários, cooperativos, existencialistas, humorísticos, regionais, nacionais e também foram responsáveis pela fundação de periódicos alternativos cuja pauta era, especificamente, as mulheres e o feminismo (Teles; Leite, 2013). Cenários semelhantes foram vividos na Argentina e no Uruguai que, apesar de cronologicamente terem experienciado a Ditadura em momentos distintos, também foram marcados pela emergência de movimentos feministas ainda durante regimes ditatoriais.

Este cenário de efervescência foi marcado pelos movimentos de mulheres, pela participação das mulheres em grupos armados e organizações de esquerda e, também, por experiências de exílio e clandestinidade em países estrangeiros, muitas delas de descoberta de livros e teorias feministas. Trata-se do princípio de uma importante fase da história das mulheres. Parece inegável, portanto, que as mulheres sejam os sujeitos que mais destaquem a necessidade de um olhar atento a este período histórico (Crescêncio, 2017). São a essas mulheres e a esses movimentos que os discursos de Millôr se direcionavam; entretanto, ele não era o único. Os grupos de esquerda também eram reticentes a discursos de igualdade e liberdade proferidos pelas mulheres em luta. Feministas históricas como Hildete Pereira de Melo e Clair Castilhos Coelho relatam, em entrevistas, como companheiros de militância da esquerda e da política institucional da direita democrática riam e debochavam das pautas de gênero (Crescêncio, 2021).

Em livro dedicado a expressar suas impressões sobre os mais variados assuntos, desde sua reflexão sobre bonecas infláveis até seu conceito de liberdade de expressão, Millôr apresenta uma breve e confusa reflexão sobre o feminismo, o que é explicado pelo fato de ser uma síntese de diferentes escritos.

Quer dizer que as mulheres queriam se liberar apenas para imitar os homens: beber mal, se locupletar em ministérios e entrar pra Academia Brasileira de Letras? (1980) As mulheres, afinal, já estão com tudo. Isto é – só falta um pedacinho. O movimento feminista, como tudo o mais, está a reboque da tecnologia. Quando surgiu a construção vertical, o telefone e o automóvel, para dizer só isso, o sistema já não conseguia mais controlar o comportamento sexual das pessoas. E as mulheres começaram a se liberar, a partir do sexo. O bom pai zeloso não tinha mais como controlar a “coisinha” da filhinha. Ela ia pro apartamento de baixo, ou o automóvel passava depois de uma conversa ao telefone e em 15 minutos o “mal” estava feito. Depois a televisão. Depois a pílula. Só depois veio o “movimento”, a ideologia, que, como todas, serve apenas pra dar uma arrumada no avanço incontrolável. Basta olhar os adeptos de hoje para você ter certeza de que Casanova, Jack, o Estripador, Landru e o estrangulador de Boston seriam todos fervorosos feministas. Está bem que a mulher não queira mais ser o “descanso do guerreiro”. Mas não precisava ser a aporrinhada do pacifista. (Fernandes, 2002, p. 231).

Millôr reproduz trechos de pensamentos e elucubrações sobre feminismo que rechearam as mais variadas páginas da imprensa brasileira. Início a imersão deste artigo com essa reflexão, que não foi retirada de *Veja*, por pensar que ela, de alguma maneira, engloba as percepções de Millôr Fernandes

sobre feminismo, tão criticadas por feministas de ontem e de hoje. A citação faz uma referência inicial a tal igualdade que seria almejada pelas feministas, igualdade essa que seria alcançada, na visão do escritor, com a exploração de uma vida boêmia e com a inserção das mulheres em uma vida burocrática, já vivenciada por homens. Segue o segundo tópico de crítica, o suposto desejo feminista de se liberar sexualmente, o que seria atingido, com o auxílio da tecnologia, do telefone e do carro, como bem descreve a citação. Nesse sentido, a ciência estaria colaborando para o alcance dos objetivos feministas. Por último, Millôr destaca que o “movimento”, que ele aloca entre aspas, e a ideologia, seriam um ato final, surgido atrasado para coroar o avanço dos tempos e fazer-se contextualizado. Finalizando, Millôr ataca as feministas mais “raivosas” ao destacar nomes um tanto singulares de assassinos e psicopatas que, em sua visão, poderiam ser feministas na atualidade. Por fim, as feministas são descritas como mulheres chatas que perturbam homens que só querem a paz. Qualquer resquício de respeito ou mesmo de tolerância do escritor em relação ao feminismo, não é expresso nesse trecho e, menos ainda, nos excertos extraídos de *Veja* que são foco desta análise. Sob o manto do humor, os discursos de Millôr foram corresponsáveis por forjar uma ideia de feminismo e uma “identidade feminista” no Brasil que ainda compõe o imaginário nacional. Tudo isso no exato momento em que as mulheres se organizavam em torno de pautas fundamentais que ainda mobilizam os movimentos hoje: contracepção, aborto, creche, violência contra as mulheres, igualdade no mercado de trabalho, trabalho doméstico, etc.

Apesar da força discursiva de Millôr, ela não é completamente original. Thaís Batista Rosa Moreira (2024) remonta ao século XIX para argumentar sobre uma linhagem de longa duração de determinadas concepções antifeministas, marcada por permanências e transformações que atravessaram o século XX e chegaram ao século XXI. No começo do século XX movimentos que reivindicavam o direito à educação e ao voto feminino eram constantemente ridicularizados por parlamentares e pela imprensa do período, que não economizavam no uso de piadas, caricaturas e charges antifeministas (Soihet, 2012). Millôr e outros simpatizantes de um suposto humor antifeminista, portanto, integram uma história de ódio e perseguição que está sendo construída há quase dois séculos.

Na segunda metade do século XX, militares, militantes de esquerda e libertários menosprezavam bandeiras de luta das mulheres, sendo o movimento feminista criado dentro de um espaço de embates políticos em que a questão das mulheres não tinha vez. Rachel Soihet (2005) destaca como o jornal *O Pasquim*, muito citado e constantemente pesquisado por estudiosos que desejam pontuar o quão revolucionários seus integrantes eram, afirmou-se como expressivo opositor do regime.

Dentre as várias modalidades de luta contra o regime, destacou-se o empenho de alguns em opor-se a ele, através da ridicularização, como, por exemplo, o jornal alternativo *O Pasquim*, publicado semanalmente naqueles “anos de chumbo”. Boa parte de seus membros, inspirada na cultura norte-americana, afastava-se do dogmatismo de muitos marxistas, caracterizando uma pluralidade suprapartidária, voltando-se para o combate ao autoritarismo e à crítica de costumes. (Soihet, 2005, p. 594).

O Pasquim, nessa perspectiva, apresenta-se como um instrumento de negação e oposição ao Regime Ditatorial, afirmando-se como contestador e proponente de novos costumes que contrariavam o autoritarismo então vigente. De acordo com Paolo Marconi (1980), juntamente com Ziraldo, Tarso de Castro, Henfil e Jaguar, Millôr fundou o semanário *O Pasquim*, em 1969. Millôr tem seu nome vinculado a um grupo que, em nome do riso e da contestação pelo ridículo, mostrava-se resistente às causas feministas, mas não só. Os feminismos eram uma pauta e um alvo para Millôr e seus companheiros da arte gráfica. O humor gráfico tradicional e de homens dos anos 1960, 1970 e 1980 escolheu uma abordagem de humor que era antifeminista. Décadas depois, observamos o antifeminismo ser novamente acionado. Hoje, inclusive, é possível lucrar financeiramente com discursos antifeministas

na Internet. Isabela Rodrigues Regagnan e Jazmin Duarte Sckell (2025) analisam os memes cujo alvo são as mulheres, o feminino e os feminismos como uma reatualização de discursos misóginos e antifeministas que tem como palco as redes sociais digitais. Seus produtores e difusores majoritários são conservadores e se identificam no espectro da direita e da extrema-direita.

O humor antifeminista de Millôr

Em coluna de 12 de abril de 1972, intitulada “O Seqüestro”, Millôr destaca, ora com clareza, ora com discrição, algumas características desse feminismo que vinha assolando diferentes países ao redor do mundo. Ao narrar um suposto sequestro sofrido por um homem, paralelo a um esforço mais que humano de sua esposa para libertá-lo com o pagamento do resgate, o escritor finaliza seu conto da seguinte maneira:

Mas ai, ao que parece, o esforço terrível de lutar contra o destino já a tinha tirado de sua submissão, do seu conformismo de mulher-objeto. Ela tinha amadurecido tanto, que pensou bastante e decidiu: “Ora, depois desse esforço todo eu sou, naturalmente, uma líder feminista; não dependo, nem posso depender, de um único homem para sobreviver nesta sociedade patriarcal, cheia de porcos chovinistas. A essa altura meu marido deve estar um monstro, sem nem sequer o encanto do seu machismo. Sabe o que é?, vou guardar o dinheiro, comprar ações do Banco do Brasil preferenciais ao portador, entrar prum desses Movimentos de Libertação da Mulher e arranjar um outro marido inteirinho. Falei et dix” (Fernandes, 1972, p. 10).

Podemos começar destacando a expressão “lutar contra o destino”. Simone de Beauvoir, autora de uma das obras mais importantes do pensamento feminista, *O segundo sexo* (2009), faz uso da palavra destino inúmeras vezes para argumentar contra o destino biológico ao qual às mulheres estão sujeitas. Em um ataque à perspectiva de Freud, que afirma ser a anatomia o destino, Beauvoir contesta o elemento biológico desse destino “feminino”, afirmando-o como fruto do social. Millôr, portanto, se apropria de uma expressão símbolo do feminismo para demonstrar a “superação” da mulher, o que a torna uma “líder feminista”, segundo ele. Em seguida, o escritor aponta a esposa, contestando a necessidade de depender de um único homem, fazendo referência a tal promiscuidade sexual que seria o objetivo feminista. Finalizando, a esposa, consciente de sua submissão, resolve adquirir ações do Banco do Brasil, instituição então dirigida pelo Regime Militar, e deixa seu marido à mercê de sequestradores para juntar-se a um movimento feminista. O feminismo, para ele, significa o abandono dos homens.

Na coluna de 28 de julho de 1976, em uma frase curta no topo da página, Millôr afirma que “O Movimento Feminista Brasileiro está com tal ímpeto que vai acabar arrombando todas as portas abertas” (Fernandes, Edição 412, 1976, p. 14). A partir da citação, infere-se que o movimento feminista brasileiro estava fazendo uso de toda sua disposição para derrubar portas já abertas, ou seja, estaria brigando em casa que, com “todas as portas abertas”, o estava acolhendo. Para Millôr, não haveria mais necessidade de luta. Millôr pode estar referindo-se a um marco importante do feminismo no Brasil um ano antes, 1975.

Articulada a um momento de clara mudança para as mulheres, a Organização das Nações Unidas declarou, em 1975, o “Ano Internacional da Mulher” e o intervalo de 1975 a 1985 a “Década da Mulher”. Conforme Joana Maria Pedro (2011), a iniciativa da ONU tem sido apontada como o momento de inauguração do feminismo no Brasil. Entretanto, análises contemporâneas sugerem a decisão da ONU como o resultado de um cenário de efervescência feminista, motivado pela luta de mulheres da periferia, pelo debate sobre anistia, pela participação das mulheres nas organizações de esquerda, bem como por experiências em países cujo debate feminista já amadurecia livremente e sem

as amarras impostas por regimes ditatoriais, como Estados Unidos e França. Essa reflexão, no entanto, não deve impedir que reconheçamos o papel da ONU como definidor de uma nova condição para o feminismo no Brasil. Segundo Céli Pinto (2003), a decisão da Organização fez a questão da mulher ganhar um novo status diante de governos autoritários e também diante de projetos progressistas que encaravam o feminismo com desconfiança. Foi nesse encalço que grupos de estudos foram formados, congressos realizados e a imprensa feminista da segunda metade do século XX inaugurada (Teles; Leite, 2013).

Demonstrando novamente sua intimidade com o assunto, Millôr Fernandes, em coluna de 8 de setembro de 1976, questiona: “E se, de repente, nós provarmos que o feminismo faz parte do *eterno feminino*?” (Fernandes, Edição 418, 1976, p. 15, grifos meus). Forçando uma relação bastante problemática entre o feminismo e o “eterno feminino”, categoria muito criticada pelas feministas por vincular a figura da mulher à figura de mãe, santa, em um sentido naturalista e essencialista, perspectiva profundamente recusada por teóricas do feminismo que entendiam gênero, e mesmo o sexo, como construção discursiva, Millôr levanta a possibilidade de o feminismo fazer parte da natureza das mulheres, uma nítida tentativa de provocação. O escritor, assim, buscou biologizar e essencializar o feminismo, como resposta à tentativa das mulheres de não-biologizar o chamado sexo feminino. Apesar da provocação, não deve surpreender o conhecimento de Millôr sobre o feminismo, seus conceitos e teorias. Millôr era, sem dúvida, um homem erudito, e tanto seus textos escritos quando sua produção gráfica demonstra conhecimento sobre o assunto.

Muitas edições depois, em coluna dedicada a dar uma versão muito própria para a história da abertura da caixa de Pandora, Millôr salienta:

A terra ainda estava vazia de mulheres. Não estou dizendo que isso fosse bom ou ruim, mas feminismo não tinha não. Pensando bem, até que podia ser bom porque hoje, depois do feminismo, tem muito home aí já jogando as muié pra escanteio e muita muié também fazendo o mesmo com os home, e deve ser porque isso é bom, não é mesmo? (Fernandes, Edição 608, 1980, p. 10).

Em coluna de 30 de abril de 1980, o humorista reconstrói a história da Caixa de Pandora, que remonta à mitologia grega, para afirmar que naquela época não havia feminismo o que “até podia ser bom”. O trecho aponta o feminismo como um movimento típico daquele momento, 1980. A constatação de que “feminismo não tinha não” leva à presentificação do feminismo, ou seja, se antes não tinha, é porque o feminismo fez-se presente; caso contrário, a expressão não estaria no passado e poderia ser facilmente extraída do texto. Entretanto, o feminismo existe no plano do acontecimento e, por isso, existe, também, no discurso de Millôr. Saliento que, de acordo com o pensamento de Michel Pêcheux (1990), são nessas lacunas que devemos agir, visto que, todo enunciado, ou toda série de enunciados, oferece um lugar de interpretação. Millôr, mesmo que negue a importância do movimento feminista, ao fazer dele um movimento presente, confirma sua existência e repercussão. Além disso, da citação, podemos extrair que o feminismo é destacado como “coisa de mulher”, visto que, ao relacionar a não-existência de mulheres à não-existência do feminismo, Millôr Fernandes o vincula a algo tipicamente “feminino”, o que estabelece uma relação com a citação anterior, em que se articula o feminismo e o “eterno feminino”. Para Millôr, as mulheres são os sujeitos do feminismo.

Em 26 de novembro de 1980, listando uma série de pensamentos intitulados “Reflexões sem dor”, Millôr afirma: “Todo mundo com tanto medo de ser chamado de machão que tem até feminista fingindo feminilidade” (Fernandes, Edição 638, 1980, p. 11). Saliento primeiramente a expressão “medo de ser chamado de machão”, medo que, provavelmente, está vinculado a uma disseminação do feminismo a ponto de instigar homens e mulheres a conterem seus comportamentos de “macho”,

figura nitidamente associada ao sexo masculino, à ideia de másculo e viril. Para finalizar, Millôr Fernandes ressalta que “tem até feminista fingindo feminilidade”. Primeiro, o verbo fingir remete à dissimulação, fazer-se passar por outro. Assim, feministas fingiriam feminilidade, algo que seria típico do “feminino”, uma atitude feminina, e não feminista. Nesse excerto podemos extrair dois sentidos não opostos, mas complementares: o primeiro é que feministas seriam automaticamente “machões” no que se refere à construção histórica da palavra; o segundo, o mais importante e opaco, é que feministas buscavam velar a identificação com o feminismo por medo de represálias, ou seja, o medo de serem taxadas de “machão”. Nesse trecho, Millôr lembra muito os discursos d’*O Pasquim*, em que piadas das mais primárias sobre feministas tinham lugar de destaque. No jornal, as feministas eram chamadas e representadas como machões, feias, mal-amadas, lésbicas, adjetivos compreendidos como pejorativos. No trecho, mais uma vez, parece emergir uma espécie de abandono dos homens, ou melhor, da masculinidade. Trata-se de uma crise do macho até então conhecido por Millôr e por seus companheiros de humor gráfico.

Finalizando esta análise, trago uma última asserção de Millôr Fernandes que, se não toca pelo humor, toca pela rima: “Feminista é uma mulher que só pensa em ser chofer” (Fernandes, 1981, p. 14). No excerto, a feminista já se torna mulher, não estando citada sua posição de “macho”, no entanto, ela “só pensa em ser chofer”, isto é, deseja guiar o automóvel, a vida, a casa, a política, o mundo e, para não escapar do senso comum, o homem. Trazendo à tona a versão mais simplificada de feminismo, Millôr, com sua rima mulher-chofer, define a feminista como uma desejosa figura almejando o comando de seja lá o que for, desde que seja o comando, em um mundo de homens supostamente abandonados e objetificados.

Considerações finais

Em meio a referências irônicas e debochadas sobre a luta contra o destino empregada pelas mulheres, imerso em um discurso essencialista que determina uma forma específica de ser mulher, passando pela inevitável constatação de que o feminismo existe enquanto movimento, finalizando com um modelo bastante específico de feminismo marcado pela ideia de “macho-comandante”; Millôr Fernandes, jornalista, escritor, humorista gráfico e dramaturgo, traça linhas que, na revista *Veja*, divulgavam uma ideia sobre o feminismo. Uma ideia que está longe de ser a proposta pelas feministas brasileiras que, em 1970, buscavam espaços de luta e, também, espaço para contestar o cenário que se apresentava, de Ditadura, de censura, de falta de liberdade, de exploração dos mais pobres, de desigualdade dentro dos movimentos que prometiam a revolução, mas não para as mulheres. Enquanto Millôr afiava suas palavras e lançava suas farpas contra os feminismos, as mulheres e seus movimentos buscavam se organizar em um contexto pouco propício à emergência de movimentos sociais. Para Millôr, o feminismo confundia-se com sede de poder e arbítrio. A partir dessa concepção, nada mais natural que lançar mão de um humor antifeminista que rejeitava o feminismo, as mulheres e o “feminino”. Em reportagem especial comemorando as 500 semanas de Millôr em *Veja*, é destacado que o alvo do colunista eram temas como dinheiro, feminismo, psiquiatria, poluição, exploração imobiliária, burocracia, enfim, tudo que some pretensão com incompetência, poder e arbítrio (Fernandes, 1978, p. 112).

Millôr Fernandes, com seus discursos sobre feminismo, não apenas transmitiu informação, ele formou opinião e ajudou a construir estereótipos e modelos dos assuntos que foram alvo de suas reflexões. A violência não foi simbólica, ela atravessa corpos e subjetividades das mulheres e de suas lutas no Brasil. De acordo com Eni Orlandi (2009, p. 21), “... no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação”.

Dessa maneira, discursos sobre feminismo produzidos por Millôr não desaparecem no ar, nem ficam presos às páginas da revista *Veja* que já estão empoeiradas e amareladas pelo tempo. Eles continuam circulando, tendo seus sentidos mantidos e ressignificados, comprovando, ou melhor, reforçando a noção de que as palavras, a linguagem, o discurso, afetam o mundo que vivemos, vemos, falamos e sentimos.

A guerra às mulheres, com forte protagonismo do humor antifeminista, fez escola e resultou em esforços permanentes de rejeição dos feminismos e, por consequência, das mulheres. Discursos antifeministas que, muitas vezes, apresentavam-se como humorados, atravessaram o século XX e seguem firmes no século XXI, impulsionados pelas redes sociais digitais que se mostram como mais um lugar de violência para as mulheres, assim como para outras identidades. Millôr inseriu-se nessa linhagem antifeminista que já não é mais libertária, pois ancora-se em forte conservadorismo que assola o Brasil e o mundo. Atualmente, o humor já não é tão acionado como recurso. Talvez isso se dê porque esse manto não seja mais visto como necessário, dado o alto grau de aceitação de falas e discursos antifeministas, em uma espécie de adoração de um passado “tradicional” em que mulheres conheciam seus lugares. O Millôr de *Veja*, e muitos outros como ele, contribuíram ativamente para a construção de estereótipos e imaginários sobre as mulheres e sobre os feminismos. Hoje seguimos colhendo os frutos da promoção da misoginia, o antifeminismo permanece, do papel ao online.

Referências

- ALMEIDA, Maria Fernanda Lopes. *Veja sob censura: 1968-1976*. São Paulo, Jaboticaba, 2009.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009.
- CRESCÊNCIO, Cintia Lima. “Tá rindo de quê?” ou Os limites da teoria: Humor Gráfico na Imprensa Feminista do Cone Sul. *Revista Territórios e Fronteiras*, Cuiabá, v. 10, n. 2, p. 75–92, 2017.
- CRESCÊNCIO, Cintia Lima; OLIVEIRA, Mariana Esteves de. “Constituinte pra valer tem que ter palavra de mulher”: Movimento de Mulheres do IAJES, Movimento Regional de Mulheres e a luta por democracia no Brasil. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 26, p. 1–20, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/89908>. Acesso em: 15 set. 2025.
- CRESCÊNCIO, Cintia Lima. As mulheres ou os silêncios do humor: uma análise da presença de mulheres no humor gráfico brasileiro (1968–2011). *Revista Ártemis*, João Pessoa, v. 26, n. 1, p. 53–75, 2018.
- CRESCÊNCIO, Cintia Lima. *Veja o feminismo em páginas (re)viradas*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) — Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/96221>. Acesso em: 15 set. 2025.
- CRESCÊNCIO, Cintia Lima. O melhor do humor e dos feminismos: o riso feminista na resistência às ditaduras do Cone Sul. In: WOLFF, Cristina Scheibe (org.). *Políticas da emoção e do gênero no Cone Sul*. Curitiba: Brazil Publishing, 2021. p. 111–129. Disponível em: <https://ieg.ufsc.br/cedoc/livros-eletronicos/373>. Acesso em: 15 set. 2025.
- CUNHA, Jaqueline dos Santos; SANTANA, Jorge Alves. Nos arredores do humor e do erotismo em relação às subjetivações proteiformes em Fantasmasia, de Célia Seybold. In: MORAIS, Rubens Damasceno; FARIA, Edna Silva; VIEIRA JUNIOR, Paulo Antônio (org.). *PesquisaViva em estudos literários*. Goiânia: Cegraf UFG, 2024. p. 203–223.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- HEMMINGS, Clare. Contando histórias feministas. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 215–241, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2009000100012>. Acesso em: 15 set. 2025.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Página Aberta, 1991.
- LUCA, Tânia Andrade de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111–153.

- MARCONI, Paolo. *A censura política na imprensa brasileira (1968–1978)*. São Paulo: Global, 1980.
- MELLO, Soraia Carolina de. Claudia nas décadas de 1970–1980: feminismo, antifeminismo e a superação de um suposto passado radical. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 1–14, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1806-9584-2019v27n251203>. Acesso em: 15 set. 2025.
- MILLÔR, Fernandes. *Millôr definitivo: a bíblia do caos*. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- MOREIRA, Thaís Batista Rosa. Permanências, rupturas, transformações: os antifeminismos de ontem e de hoje. *Plural*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 77–97, 2024. Disponível em: <https://revistas.usp.br/plural/article/view/223212>. Acesso em: 15 set. 2025.
- ORLANDI, Eni. P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 2009.
- PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.
- PEDRO, Joana Maria. O feminismo que veio da França. In: PEDRO, Joana Maria; ISAIA, Artur César; DITZEL, Carmencita de Holleben Mello (org.). *Relações de poder e subjetividades*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.
- PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- REGAGNAN, Isabela Rodrigues; SCKELL, Jazmin Duarte. “É pra rir?": o uso dos memes na machosfera brasileira para sustentar ideologias misóginas. *INTERthesis*, Florianópolis, v. 22, p. 01-22, jan./dez. 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/107177>. Acesso em: 15 set. 2025.
- RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.
- SMITH, Anne Marie. *Um acordo forçado: o consentimento da imprensa à censura no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- SOIHET, Rachel. Zombaria como arma anti-feminista: instrumento conservador entre libertários. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 591-611, 2005.
- SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 218-237.
- TELES, Amelinha; LEITE, Rosalina Santa Cruz. *Da guerrilha à imprensa feminista. A construção do Feminismo pós-luta armada no Brasil (1975-198)*. São Paulo: Intermeios, 2013.
- VALENTE, Mariana. *Misoginia na Internet: uma década de disputas por direitos*. São Paulo: Editora Fósforo, 2023.
- WOLFF, Cristina Scheibe; SCHMITT, Elaine. *A Internet como campo de disputas pela igualdade de gênero*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/259838?show=full>. Acesso em: 15/09/2025.

Fontes

- FERNANDES, Millôr. O sequestro. *Veja*, São Paulo, n. 188, 12 abr. 1972.
- FERNANDES, Millôr. Millôr. *Veja*, São Paulo, n. 412, 28 jul. 1976.
- FERNANDES, Millôr. Livre-pensar: é só pensar. *Veja*, São Paulo, n. 418, 8 set. 1976.
- FERNANDES, Millôr. 500 semanas de Millôr. *Veja*, São Paulo, n. 512, 28 jun. 1978. Edição especial.
- FERNANDES, Millôr. A caixa (ou lá que outro nome tenha) de Pandora. *Veja*, São Paulo, n. 608, 30 abr. 1980.
- FERNANDES, Millôr. Reflexões sem dor. *Veja*, São Paulo, n. 638, 26 nov. 1980.
- FERNANDES, Millôr. Sacadas rimadas. *Veja*, São Paulo, n. 698, 20 jan. 1981.

Recebido em: 10/03/2025

Aprovado em: 12/09/2025

Declaração de Financiamento

Este texto é resultado do Projeto “Uma história das artistas do traço no Brasil”, coordenado por Cintia Lima Crescêncio e financiado pelo CNPq, Processo: 403648/2023-8.